

O QUE VOCÊ PRETENDE?



Um aprendiz do Evangelho

Dedicatória:

- a Allan Kardec e Léon Denis, como homenagem e gratidão pelos seus esforços e sacrifícios em prol da implantação da Verdade no mundo terreno, em sucessivas encarnações e no mundo espiritual, veiculando para os encarnados, através de médiuns idealistas, as realidades da nossa verdadeira pátria, assim preparando os Espíritos para viverem nessa realidade como senhores do próprio futuro através da autorreforma moral.



Onde estiver o teu tesouro aí estará o teu coração.

(Jesus Cristo)

Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.

(Jesus Cristo)

Eu sou apenas um sapo com uma vela acesa nas costas, que é a mediunidade. Sem a vela, a tendência seria eu pular na lagoa como qualquer outro sapo.

(Chico Xavier)

Para avaliarmos se estamos fazendo o bem ou o mal aos outros, basta colocarmo-nos na posição da vítima.

(anônimo)

Portanto, quem ouve essas minhas palavras e as põe em prática, é como o homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, mas ela não caiu, porque fora construída sobre a rocha. Por outro lado, quem ouve essas minhas palavras e não as põe em prática, é como o homem sem juízo, que construiu sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, e ela caiu, e a sua ruína foi completa!

(Jesus Cristo)



ÍNDICE

Introdução

1 – Autoconhecimento

1.1 – Análise profunda de si mesmo

1.2 – Os defeitos morais

1.3 – As virtudes

1.3.1 – O Amor

1.3.2 – A compreensão

1.3.3 – A doçura

1.3.4 – A firmeza

1.3.5 – A vontade

1.3.6 – A perseverança

1.3.7 – A harmonia

1.3.8 – O rigor

1.3.9 – A disciplina

1.3.10 – A esperança

1.3.11 – A fé

1.3.12 – O devotamento

1.3.13 – A valentia

1.3.14 - A coragem

1.3.15 – A força

1.3.16 – A caridade

1.3.17 – A indulgência

1.3.18 – A benevolência

1.3.19 – A humildade

1.3.20 – A resignação

1.3.21 – A aceitação

1.3.22 – O perdão

1.3.23 – A abnegação

1.3.24 – A fraternidade

1.4 – A vocação profissional

1.5 – Casamento ou celibato

1.6 – Objetivos materiais ou espirituais

2 – O investimento no seu projeto de vida

2.1 – A procura de aliados

2.2 – A persistência nos seus projetos

2.3 – A certeza da vitória



INTRODUÇÃO

Quando Sócrates vivenciou a dramaticidade do seu julgamento, expondo a Verdade pela última vez, sem se preocupar se seria condenado ou absolvido, antecipou, em parte, o que aconteceria com Jesus daí a quase cinco séculos, apenas que o Divino Mestre sequer proferiu arrazoado algum, deixando que Seus juízes o condenassem sem esboçar nenhuma reação, mesmo sem culpa alguma.

Todavia, o mais importante sábio da Grécia antiga, sendo um dos precursores de Jesus, era um Espírito Superior, cuja missão consistia, sobretudo, em revelar a realidade do mundo espiritual, não teve um discípulo sequer que estivesse à altura da sua envergadura intelecto-moral, pois nenhum deles, inclusive Platão, e, posteriormente, Aristóteles, afirmou de público as facetas mais importantes das lições do mestre, decorrentes justamente das revelações provenientes do contato direto com os Guias Espirituais da humanidade, preferindo abordar aspectos menos profundos da Verdade, talvez até para evitarem um final semelhante ao do grande sábio, para quem a morte pela cicuta não representou mais do que qualquer outra forma de passar definitivamente para sua e nossa verdadeira pátria, que é o mundo espiritual. Assim, se o grande sábio optou pela Verdade, com todas as suas consequências, os discípulos “ficaram no meio do caminho”, tentando contemporarizar com os Césares da época e, possivelmente, com Mamom, pois que tinham interesses materiais a preservar.

Sócrates tinha realizado a autorreforma moral há milênios e vivenciava, sem nenhuma restrição, a humildade, o desapego e a simplicidade, todavia, seus discípulos tinham ainda muito de orgulho, egoísmo e vaidade: portanto,

representavam dois mundos diferentes e, assim, a Verdade, como linfa pura, misturou-se à terra, formando um barro escuro, em que se consistiram as lições transmitidas à posteridade por Platão, Aristóteles e os demais discípulos, como Xenofonte, este último ligado fortemente aos assuntos da Política.

Assim também aconteceu com o “moço rico”, cujo encontro com Jesus foi narrado no Evangelho, o qual, mesmo interessado em segui-l’O, quis adiar sua renovação moral para o dia seguinte e acabou encontrando a morte dramática antes que o outro dia chegasse.

“O que você pretende?” é o título deste estudo, como uma forma de auto indagação, em que cada atual candidato a discípulo de Jesus deve perguntar a si mesmo se realmente pretende conhecer e, sobretudo, seguir a Verdade ou, dubiamente, tentar compatibilizá-la com César ou Mamom, à moda dos discípulos acovardados ou interesseiros acima referidos diante da inadiabilidade da autorreforma moral.

Quando Jesus afirmou: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”, implicitamente esta afirmando a condicionante de segui-la, para alcançar a libertação das amarras dos defeitos morais, que nos mantêm atados pelas mãos e pelos pés, mas, sobretudo, pelo cérebro e pelo coração, aos atrativos e, conseqüentemente, os prejuízos do mundo terreno.

“Onde estiver o teu tesouro, aí estará o teu coração” complementa a afirmativa anterior de Jesus, pois, se seguirmos a Verdade, ela nos libertará, porém, se não a seguirmos, nosso coração estará ligado às coisas e interesses materiais, pois não há meio termo: “Seja o teu falar sim sim, não não.”

Depois de alcançado determinado grau evolutivo, ou seja, em outras palavras, após cada um vivenciar sua “estrada de Damasco”, não há mais retorno ao estado de ignorância, ou seja, a responsabilidade surge obrigatoriamente perante a consciência, e, como no caso de Públio Lentulo, que adiou a opção de seguir a Verdade, as consequências consistiram em a oportunidade somente retornar na próxima volta da espiral evolutiva, com agravantes. Assim também aconteceu com Judas Iscariote, que, somente um milênio depois, na figura de Joana d’Arc, conseguiu reatar o elo rompido da sua trajetória de discípulo do Divino Governador da Terra.

Depois do advento da Doutrina Espírita, há mais de um século e meio, não há mais como ficarmos de mãos dadas a César ou Mamom e Deus.

A transição planetária cobra de cada um sua opção definitiva.

“O que você pretende?”

Um aprendiz do Evangelho



1 – AUTOCONHECIMENTO

A maior parte da humanidade recebe um tipo de educação totalmente divorciado do que seria o ideal para sua evolução espiritual, primeiro, porque a maioria dos pais e mães sequer acredita que são Espíritos encarnados, repassando essa dúvida para os filhos; segundo, porque muitos não os ensinam a procurar saber sobre a realidade humana como gênero quanto mais em relação a si mesmos como individualidades sob o aspecto moral, analisando seus defeitos e virtudes; terceiro, porque, nas coletividades de encarnados, os objetivos materiais é que ocupam a maior parte das mentes.

Todavia, não nos ateremos ao procedimento alheio, mas sim a nós próprios, para verificarmos se, realmente, estamos dispostos a iniciar a busca pelo autoconhecimento.

Criticar os outros não acrescenta nada à nossa vida, aliás, pelo contrário, nos distrai do trabalho que devemos realizar portas a dentro da nossa própria intimidade.

Nós pensamos mesmo em investir nessa procura? Há quanto tempo essa ideia nos ocupa a mente? Tencionamos levar esse investimento até as últimas consequências? Mesmo sabendo, de antemão, que deveremos abandonar muitas fantasias materiais, das quais sentiremos falta nos primeiros tempos após a mudança de paradigma, continuaremos adiante, substituindo os antigos valores pelos novos? Todas essas reflexões devemos fazer, com absoluta sinceridade. Assim ensinam os mestres orientais aos seus discípulos e assim Jesus orientou, por exemplo, quando aconselhou: “Vai e não peques mais”.

Nessa aparentemente simples frase resumiu todas as perguntas que enunciámos acima, indagando, implicitamente,

de quem recebeu esse conselho se queria ou não trilhar um caminho novo, renunciando aos interesses nocivos, que antes tanto lhe agradavam.

Neste estudo iremos abordar essas reflexões, sem meias palavras e respondendo sim ou não à nossa própria consciência, que está ligada diretamente a Deus, através das Suas Leis, tanto que os Espíritos Superiores afirmaram a Allan Kardec que as Leis Divinas estão gravadas na consciência de cada criatura de Deus.

Nada mais claro que isso, porém, se não olharmos dentro do nosso íntimo, sem qualquer subterfúgio, não teremos condições de iniciar e seguir adiante nesta jornada rumo ao aprimoramento interior.

É por demais conhecida a frase: “Conhece-te a ti mesmo”, todavia, essa viagem exige que estejamos munidos da única bagagem que conta, que é a nossa própria consciência desperta e alerta na autorreflexão.

Espírito criado para a perfeição, não nos contentemos com as miragens mundanas, com as joias que se enferrujam, com o poder que passa, com a cultura sem Deus e com os prazeres que denigrem nossa essência espiritual.

Os Espíritos Superiores que orientaram Kardec e aqueles outros que ditaram obras moralizantes através de Chico Xavier e Divaldo Franco, dentre outros, são unânimes na ideia do autoconhecimento, sem o qual estaremos apenas repetindo o farisaísmo que já vivemos em outras vidas anteriores, mas com um mínimo de progresso moral.

Agora, que conhecemos a Verdade, ou, pelo menos, iniciamos nosso estudo a seu respeito, ela nos libertará, se nos esforçarmos por mudar nossas preferências, nossa forma de pensar, sentir e agir.

A Doutrina Espírita, como Consolador, representa uma continuidade do Ideário do Cristo, que não admite meias verdades, tanto que o Divino Mestre cobrou de cada um: “Seja o vosso falar sim sim, não não.” Quis Ele dizer: - Seja coerente com a Verdade!

Então, sabendo-nos sob o Olhar de Deus, iniciemos essa jornada maravilhosa, sem medo de nos arrependermos pelo que ficar para trás, pois a recompensa é muito maior que qualquer perda material, sendo que até os afetos que nos abandonarem serão supridos por outros muito mais intensos e felizes. Disse Jesus: “Deixai aos mortos o trabalho de enterrar seus mortos”, querendo significar que as ilusões devem ser deixadas para trás, pois nenhuma delas vale a alegria de estar em paz com a consciência.

Iniciemos a viagem do autoconhecimento, que nossos Orientadores Espirituais estarão nos acompanhando. Se nos sentirmos sozinhos elevemos o pensamento a Deus e Lhe peçamos que permita que os Amigos Espirituais nos fortaleçam e a ajuda não tardará a chegar.

Sigamos adiante!



1.1 – ANÁLISE PROFUNDA DE SI MESMO

Apesar de sempre haver alguma utilidade em tomar ciência do que os psicólogos e os cientistas afirmam, ninguém necessita ser profundo conhecedor das teorias desses estudiosos para conseguir analisar a si mesmo, pois basta observar sua própria biografia, seus pensamentos e sentimentos para detectar suas virtudes e seus defeitos morais.

Michel de Montaigne mesmo, ao invés de escrever sobre as outras pessoas, tomou a si mesmo como objeto de sua observação e chegou a uma série de conclusões, visando seu aprimoramento moral: tratava-se de um tardio discípulo de Sócrates, que pregava o autoconhecimento.

Sem a autoanálise não há autoconhecimento, evidentemente.

Os mestres orientais são categóricos nesse sentido: cada um deve olhar para dentro de si e observar-se nos mínimos detalhes. A partir dessa conclusão é que se inicia a construção de um novo homem ou uma nova mulher: sem ilusões sobre si mesmo, sem disfarces, sem santarronice e sem imoralismos.

Simplesmente a verdade sobre nós mesmos, seja ela qual for, porque nunca seremos tão equivocados que não mereceremos uma nova chance nem tão perfeitos que não necessitaremos de aperfeiçoamento: simplesmente a verdade nessa autoanálise.

Chico Xavier nunca se permitiu acomodar-se nas limitações morais que reconhecia ainda trazer e, justamente por isso, sempre seguiu adiante, aperfeiçoando-se, apesar de afirmar de si próprio um simples “verme”, um “cisco”.

Chico não posava de humilde, ele sabia das próprias fragilidades, pois realizava constante autoanálise e, com isso,

reconhecia que volta e meia falhava, mas procurava corrigir-se o mais rapidamente possível. São famosos os casos em que, depois de não agir cristãmente, pedia desculpas a quem pudesse ter-se sentido atingido, sem nenhuma vergonha de mostrar-se imperfeito, mas com desejo sincero de emendar-se.

Somente Jesus, de todos os Espíritos que passaram pela Terra, nunca falhou: todos os demais erraram e continuam errando, mesmo que cada vez menos e quanto a pontos que nossa pouca sensibilidade sequer considera como erros.

Gandhi relatou várias de suas falhas, mostrando, todavia, sua intenção integralmente sincera de não mais errar: eis apenas um dos exemplos da falibilidade humana.

Autoanalisar-se é uma das ideias mais insistentes nas obras do Espírito Joanna de Ângelis e de Emmanuel: são dois tratadistas do Evangelho, que enriqueceram a Literatura Espírita com grandes lições de vida cristã.

Se pretendemos auto analisarmo-nos, sejamos corajosos, mas não auto punidores, nem complacentes, mas que saibamos aplicar o auto perdão. Apliquemos a nós mesmos a Lição de Jesus: “Vai e não peques mais” no seu significado mais amplo e profundo, com bom senso, discernimento, sinceridade, caridade conosco mesmos e com os outros, que não devem ser nossas vítimas simplesmente porque não nos dispomos a conter nossos impulsos negativos.

A autoanálise, como dito, deve ser profunda e ampla, não deixando sem reflexão os pensamentos, os sentimentos e as ações.

Em um dia só não conseguiremos fazer nossa radiografia moral, mas gradativamente iremos nos conhecendo melhor, ou seja, reconhecendo quem somos de verdade.

Santo Agostinho se tornou uma das mais importantes figuras do Cristianismo depois que se autoanalisou e mudou seu estilo de pensar, sentir e agir. Assim, os orgulhosos se tornam humildes, como Paulo de Tarso; os egoístas desapegados, como Zaqueu e os vaidosos simples, como Maria de Magdala.



1.2 – OS DEFEITOS MORAIS

Apesar de útil, não é necessário que conheçamos todas as classificações dos defeitos morais, sendo alguns as resumem a três, outros a sete, a vinte e quatro e outros números. O bom senso é o melhor termômetro moral: se a posição da vítima nos proporciona felicidade, então estamos fazendo o bem aos outros; em caso contrário, nossa forma de pensar, sentir e agir é malévola.

Quando iniciamos a reflexão sobre nossa própria intimidade, tendemos a camuflar nossas faltas ou auto castigarmo-nos, adotando um extremo ou o outro, sendo que a atitude aconselhada por Joanna de Ângelis, que adota a Psicologia com Jesus, é o reconhecimento dos nossos cânceres morais pura e simplesmente, sem julgamentos, e, a partir daí, partirmos para a mudança, trocando os pensamentos negativos pelos positivos, os sentimentos prejudiciais a nós e aos outros pelos benéficos e as ações que nos prejudicam ou aos outros pelas que proporcionam a real Felicidade.

Na simplicidade da vida de cada um, sem necessidade de erudição ou formalismos, podemos realizar grandes conquistas na superação dos nossos defeitos morais.

Verificando que algo está errado no nosso íntimo, mudemos de polo, do negativo para o positivo, sem alardes nem autopromoção, para aparentarmos uma superioridade vaidosa.

Isso, porém, não significa que venhamos a esconder a sete chaves as mudanças interiores que nos irão beneficiando, pois Jesus recomendou colocarmos “a candeia sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa”, todavia, por outro lado, recomendou “a prudência da serpente” e que não demos “pérolas aos porcos”, devendo o

bom senso orientar como devemos proceder em cada situação, silenciando ou ensinando.

O que para uns representa um defeito moral outros se vangloriam deles como virtudes, todavia, tudo depende do grau evolutivo de cada criatura: um troglodita ficará feliz de conseguir matar seu opositor, Gandhi honrou-se de nunca ter erguido a voz para ofender a quem quer que fosse. Entre esses dois extremos está a humanidade terrena, tão carente de evolução moral que André Luiz afirma que mais da metade, quando desencarna, vai para o umbral.

Analisando com desejo sincero de acertar, veremos se estamos certos ou errados, sendo que, no primeiro caso, devemos continuar no caminho correto e no segundo mudarmos de rumo o mais rápido possível.

Se nos abandonarem os antigos companheiros ou se perdermos as vantagens que tínhamos, por outro lado, libertamo-nos do erro, que representaria um peso imenso, do qual somente nos livraríamos a custo de muitas lágrimas e sacrifícios redentores.

Quantos de nós somos vencidos pelas lágrimas quando falamos de Jesus, porque nos omitimos na tarefa de propagar Sua Doutrina; quantos outros choram ao se lembrar das maldades que cometeram contra os semelhantes; quantos se emocionam com o remorso pelos vícios que devoraram seu organismo físico e deslustraram sua alma!

Os defeitos morais se resumem na falta de Amor a Deus, na falta de Amor (no sentido do auto aprimoramento) a nós próprios e na falta de Amor aos semelhantes (aí incluídas todas as criaturas de Deus).

Falar sobre os defeitos morais é falar da história da humanidade e da biografia de cada um. Montaigne, com o

desejo de autor reformar-se que o caracterizava, dizia que, se fossem levadas em conta as faltas cometidas, cada um mereceria a pena de morte pelo menos meia dúzia de vezes. Alguém pode achar que está acima desse nível, todavia, serão aqueles que sequer se deram ao trabalho da autoanálise ou então são complacentes com o próprio orgulho, egoísmo ou vaidade.



1.3 – AS VIRTUDES

Quando Jesus afirmou: *“Portanto, quem ouve essas minhas palavras e as põe em prática, é como o homem prudente que construiu sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, mas ela não caiu, porque fora construída sobre a rocha. Por outro lado, quem ouve essas minhas palavras e não as põe em prática, é como o homem sem juízo, que construiu sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, vieram as enxurradas, os ventos sopraram com força contra a casa, e ela caiu, e a sua ruína foi completa!”* estava esclarecendo que o estilo de vida baseado nas virtudes representa a única garantia de segurança perante as intempéries da vida, que nada mais são do que os testes naturais da caminhada, que nos induzem ao desenvolvimento intelecto-moral, enquanto que, sem as virtudes, estaremos sempre sujeitos aos erros nossos, que nos prejudicarão, e aos dos outros, que nos abalarão e deixarão em desespero.

Quem, depois de autoanalisar-se profundamente, troca os próprios defeitos morais pelas virtudes opostas a eles, constrói sua casa espiritual interna sobre a rocha da consciência, ou seja, no cumprimento das Leis de Deus: esses são os Espíritos Superiores, a quem nada nem ninguém consegue desestabilizar.

Justamente por isso é que Jesus aceitou pacificamente todos os sofrimentos físicos e morais, Sócrates concordou em tomar cicuta, Chico Xavier submeteu-se a esforços sobre-humanos de trabalho no Bem e a dores físicas continuadas, e assim por diante.

Não há meio termo entre as duas opções para quem já tem a consciência desperta, ou seja, é um Espírito que já atingiu determinado grau de evolução intelecto-moral, pois Deus quer que Seus filhos e filhas se aproximem d’Ele pelo

cérebro e pelo coração, o que se processa pela aquisição da compreensão das Suas Leis e da sua prática.

Para falar das virtudes, adotaremos a sistemática empregada pelos Espíritos Superiores que organizaram o “Dictionnaire des concepts spirites”, editado pelo Institut Amélie Boudet, de Paris, supervisionado pelo próprio Espírito de Verdade, de cuja Equipe faz parte o Espírito Chico Xavier, conforme segue abaixo, quando enumeramos as virtudes e fazemos alguns comentários sobre cada uma delas.



1.3.1 – O AMOR

Primeiramente, devemos reconhecer que foi Jesus, o Sublime Governador da Terra, quem esclareceu melhor sobre o Amor, o qual, para o nosso nível de compreensão, pode ser representado por uma árvore, a partir da qual se projetam três ramos, que são: o Auto amor (Amor a si próprio), o Alomor (Amor ao próximo) e o Amor a Deus.

Quanto ao Auto amor, devemos considerar que somos Espíritos medianos, ou seja, ligados a um mundo de provas e expiações, que fomos criados por Deus há mais ou menos dois bilhões de anos, como uma “semente espiritual” contendo todas as potencialidades, que nos fizeram evoluir através dos Reinos inferiores da Natureza até chegarmos ao que somos atualmente, aperfeiçoando-nos intelecto-moralmente rumo à categoria de Espíritos Puros, à qual pertencem Jesus e outros Espíritos muito superiores a Ele próprio. A expressão: “Vós sois deuses; vós podeis fazer tudo o que Eu faço e muito mais ainda” esclarece sobre a perfectibilidade de todos os seres. Esse progresso se faz através das reencarnações, a que todos os seres estão submetidos desde que “saíram das Mãos do Criador” até se tornarem Espíritos Puros, todavia, sempre seguindo adiante, pois não há para as criaturas a Perfeição Absoluta, esta que é apanágio somente do Pai. Os corpos que vamos ocupando são formados por seres inferiores a nós próprios, também encarnados, sendo que, por exemplo, na fase humana, são trilhões deles, encarnados na fase evolutiva de células que exercem determinadas tarefas especializadas, a quem auxiliamos na sua evolução através do contato fecundante com elas, que necessitam da nossa energia mais evoluída, sendo que, por outro lado, somos aperfeiçoados ao contato da energia superior que emana constantemente em

nosso favor, proveniente do magnetismo cheio de Amor e Sabedoria de Jesus, todavia, estando, acima de todos, o Poder Fecundante de Deus, como sustentação da existência de toda a Criação. Por essa razão, devemos compreender a interdependência entre todos os seres criados por Deus, através da irradiação espiritual de cada um, que alcança todos os demais e deles recebe, em contrapartida, sua irradiação, numa permuta incessante. Não há, no Universo, nenhuma estrutura isolada dessa teia de irradiações, fecundada pelo Pai Celestial. O máximo que podemos fazer é mudar de faixa vibratória, passando das mais inferiores às superiores, gradativamente deixando de ser escravos do primitivismo e alçando voo em direção aos estados em que se exerce o trabalho consciente em favor do nosso próprio progresso intelecto-moral e o dos demais irmãos e irmãs, pela forma de pensar, sentir e agir. Portanto, o Auto Amor deve ser compreendido como a conscientização dessa realidade e o consequente investimento no próprio aperfeiçoamento intelecto-moral para integração em nível mais elevado nesse imenso concerto de dar e receber.

O Alo Amor representa o trabalho, através do pensar, sentir e agir realizado conscientemente em favor do progresso dos demais seres, incluindo aqueles que estão vivenciando os primeiros degraus da evolução. Francisco de Assis chamava a todos de “irmãos” e “irmãs” e Francisco Cândido Xavier dirigia palavras carinhosas às plantas e aos animais. A Ecologia nada mais é do que um nome que a Ciência materialista dá ao Alo Amor. Se devemos Amar nossos irmãos e irmãs inferiores na escala evolutiva, quanto mais aqueles e aquelas com os quais convivemos na coletividade humana à qual pertencemos e que vemos atravessando dificuldades de

variada ordem! Todavia, se os devemos auxiliar materialmente, cabe-nos, sobretudo, o dever de contribuir para seu aperfeiçoamento intelecto-moral, que lhes proporcionará a felicidade verdadeira, muito superior aos benefícios terrenos da saciedade do estômago, da saúde corporal e da oportunidade de estudar e trabalhar para o próprio sustento.

O Amor a Deus representa o máximo de compreensão intelecto-moral, pois somente os seres muito evoluídos merecem esse entendimento, o qual se vai aperfeiçoando à medida que evoluímos. Na verdade, Deus não distingue nenhum dos seres por Ele criado, mas vai-se revelando a cada um na medida em que cada um se faz capaz de compreendê-lo, assim como um pai ou uma mãe terrenos esclarecem seus filhos sobre aspectos mais complexos da vida quando eles vão passando da infância para a adolescência e assim por diante. Quando Jesus nos ensinou o “Pai Nosso”, tentou resumir naquelas poucas palavras tudo que podíamos esperar do Pai e saber sobre Ele. Com o advento da Doutrina Espírita, representando a Terceira Revelação, aprendemos mais sobre o Pai, devendo-se esclarecer que a progressividade da Revelação fará com que as próprias Lições dos Espíritos Superiores, compendiadas por Allan Kardec, sejam melhor esclarecidas na medida em que nos fizermos mais capacitados intelecto-moralmente para compreender a Verdade a que Jesus se referiu quando garantiu: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará.”. Quanto a Deus, somente nosso aperfeiçoamento pessoal possibilita Sua compreensão, em parte por intermédio das orientações dos Espíritos Superiores e em parte como consequência natural da nossa sublimação interior, que aumenta nosso contato consciente com Ele,

proporcionando-nos a felicidade, que cada um tem na justa medida do seu merecimento individual.

Conforme esclarecido pelos Espíritos Superiores que elaboraram o Dicionário, o Amor é a virtude mais importante, sendo as outras 23 suas simples ramificações. Por essa razão, aconselha-se que o estudo se faça na sequência em que foi elaborado este texto, para melhor aproveitamento.



1.3.2 – A COMPREENSÃO

A compreensão significa a capacidade de abranger a integralidade das situações e dos seres, o que somente Deus detém em grau absoluto. Os Espíritos Superiores detêm uma compreensão muito mais abrangente que a nossa, pois, inclusive, para eles não vigoram os referenciais de espaço e tempo, que nos limitam, devido à nossa inferioridade intelecto-moral. Foi justamente por essa precariedade que ainda nos caracteriza que Jesus recomendou: “Não julgueis.” Para reforçar esse conselho, disse: “Eu a ninguém julgo.” Estava, todavia, nos chamando a atenção para a seriedade de que se deve revestir o ato de analisar situações e pessoas, pois não temos em mãos todos os dados necessários para dar aos nossos julgamentos o necessário caráter pedagógico no seu sentido mais elevado, o que se caracteriza pela impulsão evolutiva dos seres. Compreender representa abarcar uma gama enorme de dados, que nossa inteligência e nosso nível ético-moral somente vão adquirindo à medida que nós próprios vamos evoluindo. Por isso um Espírito Superior disse: “À medida que o juiz evolui adquire o direito de julgar”, regra essa que se aplica a todos os seres humanos, pois, assim procedendo, passarão cada vez mais a julgar com maior dose de Amor. A Justiça terrena não leva em conta esse fator, pois se limita a aplicar dispositivos legais ou a jurisprudência dos tribunais, através de regras nem sempre justas e humanitárias. Quando os Espíritos Superiores mencionaram, em “O Livro dos Espíritos”, como uma das Leis Morais a de Justiça, a associaram imediatamente à de Amor e Caridade. Compreender é um ato ligado à noção do Alo Amor, ou seja, Amor ao próximo, que exige cautela, porque não detemos a suficiente compreensão do seu nível

evolutivo intelecto-moral; humildade, porque não conhecemos suficientemente nossa própria bagagem intelecto-moral, uma vez que normalmente não exercitamos o autoconhecimento; e, principalmente, porque, independente do nosso julgamento, o que prevalece é o julgamento de Deus, que se processa através das Suas Leis, que atuam de forma automática através da própria consciência de cada um, que premia ou corrige pelos seus pensamentos, sentimentos e ações. Em suma, nosso nível atual de evolução nos permite um grau pouco elevado de compreensão, todavia, devemos nos esforçar pelo nosso aperfeiçoamento, em benefício nosso e dos nossos irmãos e irmãs. Esforçarmo-nos por compreender é necessário para adquirirmos essa virtude, decorrente do Alo Amor.



1.3.3 – A DOÇURA

Jesus, Modelo de todas as virtudes para nós, também nos mostrou como uma das qualidades morais a doçura, quando recebia as requisições de todas as pessoas com igual paciência e boa-vontade, mesmo se se tratavam das provenientes de quem vinha tentar prejudicá-l’O e à Sua Divina Missão de Amor e Sabedoria. Mesmo quando se dirigia a esses irmãos e irmãs mal intencionados ou a eles se referia, nunca deixou de exercitar a doçura, devendo-se interpretar Suas expressões verbais e outras formas de expressão com bom senso e nunca como formas de violência ou impaciência. Sabedor das limitações intelecto-morais dos Seus pupilos, que somos todos os habitantes da Terra, nunca poderia querer exigir que “as frutas verdes amadurecessem a peso de pancadas, mas que somente estariam maduras na época certa”, conforme a Lei da Evolução. Ensinou com paciência, repetindo muitas vezes as mesmas Lições, mesmo sabendo que, ao final de Sua encarnação, seria traído e abandonado pelos que mais Lhe receberam em termos de esclarecimentos. Todavia, aguardou que amadurecessem para iniciarem, de forma mais lúcida, a

missão que traziam, na qualidade de grandes divulgadores da Verdade, inspirados por Ele. A doçura é apanágio dos Espíritos Superiores, que nunca se impacientam com as incompreensões de quem ainda não está preparado para entender a Verdade. Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier, Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e outros missionários do Bem sempre se conduziram com doçura, pois que ela é uma das manifestações mais elevadas do Amor Universal.



1.3.4 – A FIRMEZA

Firmeza é a condição psicológica que nos possibilita iniciar uma forma de pensar, sentir e agir e permanecer coerente com ela, apesar de todas as dificuldades que se lhe oponham. Como se vê, compreende dois momentos, que os Espíritos Superiores chamaram de vontade e perseverança, para fins didáticos. Para a prática de qualquer virtude é necessária a firmeza, pois tanto as oposições externas, representadas pelas circunstâncias adversas, quanto pelas pessoas que tentem nos dissuadir, quanto pelos nossos próprios atavismos, que tendem a nos manter atrelados aos padrões que adotamos no passado, quando ainda nos satisfazíamos com os modelos antiéticos. Sendo o Amor a virtude mais importante, como afirmam os Espíritos Superiores, da qual as demais são meros desdobramentos, para pensar, sentir e agir segundo ela, devemos nos imbuir de muita firmeza para dar o primeiro passo e continuar nessa senda, diariamente, até que se transforme em nossa “segunda natureza”, de tal forma que não corramos mais o risco de mudar de rumo, tamanha que será nossa inclinação para Amar nossos irmãos e irmãs, representados por todos os seres que Deus criou. Jesus, que sempre mencionamos como Modelo para todos os seres que habitam nosso planeta, sempre foi firme na Sua conduta, que, em momento algum, destoou da Ética Divina que veio ensinar. Poderia ter compactuado com alguma situação ou pessoa que Lhe concedesse facilidades que O levassem a trair os Princípios Morais traçados nas Leis Divinas ou, então, por outro lado, intimidar-Se com as pressões que muitos tentaram Lhe impor, inclusive com Sua condenação à morte, todavia, manteve-Se sempre firme, inabalável, incorruptível, superior a qualquer

possibilidade de desviar-Se da Sua Missão de Amor e Sabedoria. Abaixo da exemplificação de Jesus, vemos igualmente firmes os grandes missionários por Ele enviados, como Sócrates, Francisco de Assis, Francisco Cândido Xavier, Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá e outros, que atravessaram a existência solidamente escorados por sua própria firmeza interior, independente de qualquer chamamento que os induzisse às facilidades materiais ou ao temor. Devemos estar sempre conscientes da necessidade da firmeza, que não significa intransigência nem dureza de coração, mas sim determinação inabalável no propósito da autorreforma moral, que deve estar acima de qualquer outra meta e sem a qual nossa vida significará mera repetição dos equívocos cometidos quando ainda adotávamos os padrões ético-morais do “homem velho” ou da “mulher velha”.



1.3.5 – A VONTADE

A vontade é a chama interior, que acendemos com um combustível interno, o qual vem diretamente da Mente Fecundante de Deus, que sustenta Suas criaturas nos bons propósitos, com vistas à sua evolução intelecto-moral. Sem pedirmos ao Pai que acenda esse lume em nosso interior, qualquer que seja a forma como nos dirijamos a Ele, mesmo que em rogativa inconsciente, permaneceremos na escuridão interior, ou seja, sem a vontade necessária para a autorreforma moral. Afirma-se que: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.”, o que significa que a maturidade interior emite uma irradiação específica, de alta frequência, que provoca a sintonia com os Orientadores Espirituais, porque, naquele momento se acendeu a chama da vontade. A partir daí, cabe-nos continuar na senda do autoconhecimento, que leva ao Amor Universal. A vontade escora-se em Deus e, abaixo d’Ele, nos Espíritos Superiores e nos bons Espíritos, encarnados ou desencarnados, que nos concitam a continuar na conquista das virtudes. Sem essa motivação interna, eles nada podem fazer em nosso favor, a não ser insistirem para que procuremos o caminho da evolução, todavia, sendo a procura individual, somente nós mesmos podemos trilhá-lo. Joanna de Ângelis afirma que, na verdade, cada um está sozinho com sua própria consciência, ou seja, com Deus. Dessa forma, ninguém pode nos transmitir sua própria vontade de evoluir, uma vez que cada um tem de procurar a sua própria, dentro de si mesmo, em sintonia com Deus. A vontade de adquirir a virtude do Amor nos leva a pensar, sentir e agir em favor de nossos irmãos e irmãs, sem pretender nenhuma recompensa da parte deles, mas apenas a aprovação de Deus, que, através da nossa consciência, nos

proporciona a felicidade, que nenhum fator externo tem o poder de abalar, constituindo-se na mais importante recompensa de que podemos usufruir. Assim é que, por exemplo, Bezerra de Menezes não se interessa em ser promovido a um planeta superior ao nosso, pois já vive a felicidade aqui na Terra, tanto quanto a viveria em um planeta inferior ou superior ao nosso, pois a felicidade está dentro de cada um que a merece pela sua sintonia com o Bem, ou seja, com aqueles que vibram nessas faixas elevadas e, portanto, com Deus.



1.3.6 – A PERSEVERANÇA

Se os Espíritos Superiores subdividiram a firmeza em dois subitens, que são a vontade e a perseverança, pode-se presumir que assim o fizeram simplesmente para reforçar aquela virtude, estabelecendo um primeiro momento, que é a deliberação interna de iniciar uma “vida nova”, e um segundo, que é a continuidade nesse propósito renovador. Perseverar no caminho da autorreforma moral é tarefa que exige uma conscientização profunda do que realmente pretendemos na nossa vida. Aqueles que estão apenas movidos pela curiosidade ou cuja determinação interna se assemelha a uma chama bruxuleante costumam desistir a meio do caminho, sendo que somente quem despertou realmente para a necessidade inadiável de mudar é que persevera até o fim, ou seja, indefinidamente, pois não existe um termo final na estrada evolutiva. Allan Kardec afirmava que há pessoas que são “mornas até no gozar”, ou seja, que não trazem em si ainda o “fogo” da autodeterminação: esses costumam viver meio indiferentes a tudo que signifique esforço e persistência, acomodando-se à inércia. Todavia, muitos dos que erraram muito, como Paulo de Tarso, Maria de Magdala e Zaqueu, uma vez “caindo em si”, se transformam no oposto do que tinham sido, passando a investir na própria autorreforma moral e se tornando naquilo que Jesus qualificou de “luz do mundo” e “sal da terra”. Esses três personagens não se contentaram em simplesmente deixar de ser defeituosos moralmente, passando a viver uma vida mediana, modorrenta, mas optaram pelo extremo oposto, como nobilitantes exemplos de virtudes notáveis, iluminando-se interiormente e clareando os corações e as mentes daqueles que viviam na escuridão intelecto-moral. Persistiram no

caminho das virtudes naquela vida e nas que se seguiram, transformando-se respectivamente o primeiro na figura ímpar de Sundar Singh, o apóstolo do Cristianismo na Índia; a segunda em Madre Tereza de Calcutá e o terceiro em Bezerra de Menezes. A perseverança representa a persistência no pensar, sentir e agir no Amor Universal.



1.3.7 – A HARMONIA

As Leis Divinas regulam todo o Universo, sendo as mesmas para toda a Criação, aplicáveis a todos os seres, independente do grau evolutivo alcançado por cada um. Na verdade, como se sabe, até os seres mais rudimentares trazem dentro de si as potencialidades dos Espíritos Puros, estes que chegaram a um nível tal de perfeição relativa que já compreendem Deus e com Ele mantêm contato consciente e direto, como é o caso de Jesus e outros Espíritos muito mais evoluídos que Ele próprio. Harmonia é o grau de adequação em relação às Leis Divinas, sendo por isso que os Espíritos Superiores respiram harmonia e suas irradiações se traduzem em paz, que é reflexo da harmonia. No funcionamento do Universo existe harmonia, pois cada corpo celeste desempenha o papel que lhe é destinado, obediente às forças de atração e repulsão que lhes proporciona a trajetória adequada, tanto quanto no organismo humano cada célula desempenha sua tarefa específica, gerando o bom funcionamento do conjunto orgânico. Apenas os seres humanos ainda não autorreformados moralmente costumam destoar da harmonia que vigora automaticamente entre os chamados “irracionais”, os quais, impulsionados pelos instintos, somente atacam os demais na medida exata de suas necessidades de sobrevivência estrita, mas nunca ultrapassando esses limites. Exercitando o livre arbítrio ainda de forma não coincidente com as Leis Divinas, sobretudo a do Amor Universal, a maioria dos seres humanos medianos pretende mais direitos do que deveres, o que gera um desequilíbrio no relacionamento interpessoal, com consequências desastrosas para si próprios e para o meio onde vivem. A harmonia consiste, nas sociedades humanas,

justamente no equilíbrio entre direitos e deveres, sendo que cada um deve exercer os primeiros até o ponto em que não prejudique seus irmãos e irmãs e nem a si próprios, tanto quanto deve cumprir os segundos na medida em que tal se faz útil realmente a si mesmos e aos outros. A harmonia é o resultado do Amor Universal, sob a forma de pensamentos, sentimentos e atitudes adequadas. Jesus trouxe a Mensagem da Harmonização Universal, propondo um Novo Paradigma, que se traduz no auto aperfeiçoamento de cada um para formarmos um conjunto de seres que passem a atuar como um imenso organismo, em que cada um passe a somar em favor do todo, ao invés de desunir a coletividade. Os Espíritos Superiores nos ensinam a primeiramente nos harmonizarmos interiormente para, somente depois, procurarmos, por exemplo, a conjugalidade e paternidade e a maternidade, porque somente quem sabe tem condições de ensinar e apenas quem está bem consigo próprio consegue estar bem com os demais irmãos e irmãs em humanidade. A harmonia é uma conquista espiritual que passamos a merecer pelo nosso esforço continuado em equilibrar nossos direitos e deveres, tomando como referência as Leis Divinas.



1.3.8 – O RIGOR

O rigor deve ser entendido como sendo a justa medida na avaliação dos nossos direitos e deveres. Não se confunde com a cobrança de atitudes dos nossos irmãos e irmãs, mas sim na nossa própria auto avaliação, visando o autoconhecimento e conseqüente auto aperfeiçoamento intelecto-moral. Jesus nunca foi rigoroso com quem quer que seja, mas cobrou sempre de Si mesmo o pensar, sentir e agir conforme as Leis de Deus. Assim também sempre procederam Seus enviados, que são nossos mestres. Adotar o rigor, no bom sentido, quanto à nossa proposta evolutiva, é indispensável para seguirmos pela estrada do auto aperfeiçoamento, sem que isso signifique autoflagelação e incapacidade de nos auto perdoarmos quando erramos. Recomeçar depois de uma queda é adotar corretamente o rigor conosco mesmos, pois, não sendo perfeitos, errar faz parte do nosso aprendizado, mas recomeçar é imprescindível, para subirmos os degraus da evolução intelecto-moral. Rigor é sinônimo de honestidade consigo mesmo, integridade de propósitos, desejo sincero de acertar. Não adianta tentarmos enganar a Deus e a nossa própria consciência com desculpismos, pois a realidade sempre se patenteia diante da nossa autoanálise sincera. Rigor significa procurar o fundo das nossas intenções, olhando-nos dentro da própria alma, pesquisando a essência dos nossos pensamentos, sentimentos e atitudes, para adequá-los ao que somos realmente, ou seja, filhos de Deus, destinados à perfeição relativa. Na mitologia hinduísta conta-se a história de um monstro de dentro do qual sai um ser iluminado, que vivia aprisionado dentro daquele primeiro, sendo isso que devemos procurar alcançar através do rigor na nossa procura pelo que realmente somos. Quando Jesus afirmou: “Vós sois

deuses; vós podeis fazer tudo o que Eu faço e muito mais ainda.” estava nos propondo o rigor nessa procura pela nossa verdadeira essência, que é de luz.



1.3.9 – A DISCIPLINA

A disciplina que devemos pleitear para nós mesmos é aquela imposta pela nossa própria conscientização e não a imposição de nossa vontade sobre a liberdade alheia. Cada um deve autodisciplinar-se. Emmanuel nunca cobrou disciplina de Francisco Cândido Xavier, mas sim o aconselhou cobrá-la de si próprio. O Espírito Guia do médium cobrava, sim, de si próprio uma disciplina que vinha exercitando há séculos, desde que encontrou Jesus e recebeu d’Ele o convite renovador, há dois milênios, no memorável encontro descrito no seu livro “Há 2.000 Anos”, psicografado pelo referido medianeiro. Tanto o Guia quanto seu intermediário se autodisciplinavam em todas as circunstâncias, pois que seu programa de trabalho conjunto não poderia ser prejudicado por qualquer tipo de desvio. Assim devemos aprender a proceder, estabelecendo prioridades para a nossa vida e deixando de lado aquilo que vá prejudicar os propósitos construtivos. Há quem se desvie por conta de falsos direitos ou falsos deveres, acabando por “perder a encarnação” e ter de recomeçar tudo de novo, em futura oportunidade. Essas pessoas se enganam com miragens, que representam fantasias induzidas pelos seus desejos muitas vezes secretos, provenientes do orgulho, egoísmo ou vaidade, normalmente incentivados por outros “cegos, que conduzem cegos”. A disciplina faz com que aceitemos com naturalidade tanto a rotina aparentemente esterilizante quanto as mudanças supostamente temíveis. Estar preparado para repetir mil vezes a mesma tarefa tanto quanto mudar de atividade continuamente: tudo isso faz parte da disciplina, que nos leva a persistir nos propósitos elevados, sejam eles quais forem. Quem se cansa logo e abandona a tarefa não conseguiu

autodisciplinar-se; quem pretende eximir-se do cumprimento dos seus deveres também não automatizou em si a disciplina; todavia, quem, sem reclamar, está pronto para desincumbir-se daquilo que lhe é atribuído, está evoluído quanto à virtude da disciplina. O Amor Universal, mesmo, exige disciplina, pois não se justifica seu abandono pelo fato de não recebermos a recompensa da gratidão alheia nem o reconhecimento público. O que importa é a aprovação da própria consciência, ou seja, de Deus.



1.3.10 – A ESPERANÇA

Das pessoas que procuravam Jesus, muitas delas oscilavam entre a confiança e a dúvida, todavia, cabe igualmente aqui a reflexão sobre o provérbio: “Quando o discípulo está pronto, o mestre aparece.” Para quem estava maduro espiritualmente, a Palavra do Divino Mestre encontrou eco no seu psiquismo. Porém, para os demais, tratava-se de um convite desarrazoado para se renunciar aos interesses mundanos, em troca de promessas que eles não tinham condições de compreender. A diferença entre uns e outros era quanto à maturidade espiritual, ou seja, um sentido diferente da inteligência horizontal, a qual somente serve para a vida terrena, e da moralidade primária da dedicação aos parentes e amigos. Jesus somente conseguiu despertar os que estavam “prontos”, como Paulo de Tarso, Maria de Magdala, Zaqueu e outros, proporcionalmente poucos, no meio de toda uma população de pessoas dominadas pela materialidade. A esperança é uma virtude associada umbilicalmente ao Amor a Deus, conforme esclarecem os Espíritos Superiores, a qual dá a certeza da nossa filiação divina, com as consequências que daí advém. Todavia, se para alguns foi ou é suficiente a esperança decorrente da sua própria certeza espontânea, a Terceira Revelação trouxe reflexões filosóficas que fortalecem essa certeza, por exemplo, nas afirmações sobre Deus constantes de “O Livro dos Espíritos”, bem como nas mensagens dos Espíritos Superiores e nas palavras de Allan Kardec estampadas em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. O Amor a Deus representa a conquista mais elevada dos Espíritos, quando se fazem merecedores de compreender o Criador, graças à sua já expressiva evolução intelecto-moral, resultado do muito que

investiram nesse sentido, com a autorreforma moral decorrente do autoconhecimento. Na verdade, a esperança em Deus é conquista dos Espíritos Superiores, resultado do seu merecimento. Os Espíritos medianos trazem pouco desenvolvida a esperança, pois pouco ainda caminharam na estrada da autorreforma moral, fazendo com que oscilem entre a certeza e a dúvida. Somente quem já se libertou dos defeitos morais do orgulho, egoísmo e vaidade, vive a esperança em grau elevado e caminha seguro, no cumprimento dos trabalhos de Amor Universal. Jesus tinha esperança absoluta em Deus, ensinando-nos essa virtude mesmo nos momentos de grande dificuldade, como o da cruz. Aprendamos a ter esperança, confiantes na nossa condição de filhos de Deus e agindo como tais, no cumprimento de Suas Leis.



1.3.11 – A FÉ

A fé é uma conquista individual, decorrente da sintonia consciente com Deus. Não resulta do conhecimento meramente horizontal, inclusive sobre as Leis Divinas, pois é grande o número dos que estudam essas Leis, mas não mereceram ainda a fé, que Deus concede somente àqueles que julga merecedores por suas conquistas ético-morais. Nicodemos é um exemplo típico do religioso de pouca fé, uma vez que ainda não tinha adquirido a virtude da humildade. A fé representa a certeza inabalável em Deus, consequência do esforço perseverante no cumprimento das Leis Divinas, resumidas, conforme já dito, no Amor Universal. Quem Ama adquire merecimento para receber do Pai Celestial o conhecimento da Verdade, do qual decorre a felicidade do relacionamento consciente com o Pai. Os Espíritos Superiores vão adquirindo cada vez maior conhecimento sobre Deus, enquanto que os Espíritos Puros, como Jesus, interagem com Ele continuamente, tanto que se afirma que, para nós, “Jesus é médium de Deus”. Todos os seres, perfectíveis que são, caminham para essa conquista, que representa o máximo de felicidade, pois, ao invés de usufruírem apenas do afeto dos irmãos e irmãs, falíveis e incompletos, receberão do próprio Criador as Emanações do Seu Amor Infinito, que repletam de completude afetiva. Devemos dar os primeiros passos, passando pela autorreforma moral, que exige muitas realizações em favor dos nossos irmãos e irmãs. A fé é uma recompensa aos que muito se dedicam ao Bem, proporcionando-lhes um imenso bem-estar interior. A certeza da presença de Deus em nós é incentivo para vivermos com serenidade, em paz e muito realizando em favor do Progresso da humanidade, mesmo que aparentemente pequena seja

nossa zona de influência. Sabemos que Deus tudo vê e tudo sabe, mesmo quanto às nossas intenções mais secretas e, por isso, confiemos na Sua Ajuda, no sentido de multiplicar o nosso esforço pela autorrenovação interior. A fé não é compreensível para os que vivem em função dos interesses materiais, porque Deus Se revela à medida que nos aproximamos d'Ele pelas virtudes. Triste é a vida daqueles que ainda não têm fé em Deus, pois seus pensamentos, sentimentos e ações circulam dentro de um círculo vicioso, onde preponderam a insegurança e o medo, apesar de ostentarem na face o sorriso e a aparente autoconfiança. Oremos por esses irmãos e irmãs se não pudermos fazer mais por eles!



1.3.12 – O DEVOTAMENTO

Se é verdade que a esperança e a fé são virtudes ligadas diretamente ao Amor a Deus, o devotamento representa o Amor voltado para as demais criaturas. Imbuídos da esperança e da fé em Deus, cumpre-nos o dever de devotarmos ao progresso intelecto-moral dos nossos irmãos e irmãs. Jesus trouxe à Terra a Verdade numa extensão e profundidade nunca igualada nem antes nem depois d'Ele, pois a própria Terceira Revelação, com todos seus méritos, simplesmente detalha alguns pontos da Revelação de Jesus, mas não tem condições de alcançar Sua Excelsitude. Aliás, quando o Divino Mestre falou: “Passará o céu e a Terra, mas Minhas Palavras não passarão” estava afirmando que somente quando alcançarmos o nível de Espíritos Puros compreenderemos a Verdade. Qualquer das Suas muitas Lições representa uma faceta da Verdade incompreensível em toda a sua complexidade pelo nosso cérebro primitivo e pelo nosso coração que ainda não sabe Amar Universalmente. O devotamento ao próximo é uma das virtudes mais marcantes nas grandes almas, que já entenderam que quanto mais fazem em favor dos outros mais se aproximam de Deus, ao contrário dos que pensam, sentem e agem em função do poder, do prestígio, da riqueza e do prazer. Jesus nunca vivenciou qualquer resquício de orgulho, egoísmo ou vaidade, desde o início de Sua trajetória evolutiva. Seu devotamento aos seres criados pelo Pai é total, servindo de exemplo máximo para nós, que ainda sentimos muita dificuldade em favorecer nossos irmãos e irmãs, sem pensar em recompensas, que, na verdade, são perfeitamente dispensáveis. Se o Pai sustenta as aves do céu e veste as flores do campo, quanto mais a nós, homens e mulheres de pouca fé... O devotamento é uma das

mais importantes virtudes que devemos exercitar, para merecermos a recompensa da Felicidade, que Deus concede apenas a quem muito faz em favor dos outros Seus Filhos. Peçamos ao Pai que nos livre do nosso egoísmo e enxerguemos o bem de todos, devotando-nos a concretizá-lo, pensando, sentindo e agindo em benefício do progresso intelecto-moral de cada um em particular e das coletividades em geral.



1.3.13 – A VALENTIA

Alguns podem dizer que a valentia representa um instinto, enquanto que outros afirmarão que é reflexo da inteligência, todavia, para o nosso estudo, o que importa é a valentia utilizada em função do Amor Universal. Assim é que Jesus enfrentou todos os percalços do mundo material, chegando ao extremo da morte dolorosa, porque tinha como sustentáculo da Sua valentia o compromisso de ensinar a Verdade aos Seus pupilos terrenos. Valentia praticada simplesmente como forma de auto endeusamento, para receber o reconhecimento dos demais, representa uma das manifestações mais funestas do orgulho. Todavia, a valentia na exposição ou defesa de um ideal superior, que redunde em benefício, sobretudo, do progresso intelecto-moral das criaturas, é necessária para o próprio aprimoramento dos trabalhadores do Bem como também como forma de exemplificação para os que lhe observam e acompanham a trajetória luminosa. Sem valentia, fundada no Ideal mais puro, os cristãos dos tempos apostólicos não se teriam deixado sacrificar nos circos da crueldade da Roma antiga; sem valentia Jan Hus, Joana D'Arc e outros missionários do Cristo não se exporiam às fogueiras da Inquisição; sem valentia Allan Kardec não teria renunciado a tudo para se dedicar à Codificação da Doutrina dos Espíritos e Francisco Cândido Xavier não estaria se doando em favor da materialização no mundo terreno de mais de quatro centenas de livros altamente esclarecedores sobre a realidade espiritual. A valentia que nos importa ressaltar é a da assunção de uma mentalidade pacifista; firme nos propósitos de realizar o Bem em favor de todos; paciente frente às dificuldades; tolerante diante das oposições; capaz de

suportar qualquer sacrifícios sem murmurar, a fim de que a tarefa a nós destinada seja cumprida. A valentia sempre caracterizou os missionários do Bem, porque eles colocam sua confiança em Deus acima de qualquer apoio material ou pessoal de quem quer que seja e a certeza de que estão servindo à humanidade. Sua recompensa está sempre além dos limites dos interesses terrenos, imediatistas, passageiros e instáveis. Valente é quem, apesar de experimentar o medo, o que é natural, segue adiante e cumpre seu mandato, mesmo que chegue ao final da jornada cheio de cicatrizes e combalido, como Paulo de Tarso; mesmo como Maria de Magdala, que contraiu a lepra e morreu vitimada pela rude desagregação das células orgânicas ou como Zaqueu, que trocou o prestígio e as riquezas pelo anonimato aparentemente humilhante, mas feliz. Alguém pode estranhar a inclusão da valentia entre as virtudes, mas, na verdade, somente consegue manter-se bom e virtuoso quem vence as oposições, os apodos e a incompreensão do meio onde vive com sua valentia pacífica, construtiva, iluminativa, esclarecedora, sustentada pelo Amor Universal.



1.3.14 - A CORAGEM

Nos tempos atuais, ninguém necessita mais dar a vida nos circos da maldade para contribuir para a melhoria do mundo e da humanidade. A coragem que se exige é a de vencer suas próprias más tendências, como preconizava Allan Kardec para caracterizar os verdadeiros espíritas. Devemos ter coragem de olhar para dentro de nós mesmos e enfrentar nossas mazelas morais, vencer a preguiça, a má-vontade, o desamor, a frieza moral, a indiferença pelos sofrimentos alheios, o desejo de projeção inútil, a alegria com as desgraças alheias, o orgulho e o egoísmo e todas as falhas morais que ainda trazemos e costumamos querer disfarçar de nós próprios. Essa a coragem que devemos desenvolver em grau cada vez mais elevado, para evoluirmos intelecto-moralmente. Sem ela viveremos na estagnação, correndo de um lado para outro atrás de distrações que nos levarão ao desencanto e à decepção, que redundam em doenças psicossomáticas tão comuns nos tempos atuais. É preciso coragem não para vencer nas competições do mundo, que retratam o primitivismo que ainda nos caracteriza, mas para vencermos a nós mesmos, os resquícios do “homem velho” ou da “mulher velha” que ainda carregamos como chagas morais na nossa própria intimidade psíquica. A coragem vai passando, gradativamente, do exterior para o interior à medida que evoluímos intelecto-moralmente. O mundo de provas e expiações está se esvaindo e gradativamente vamos ingressando no mundo de regeneração, onde as virtudes serão a mais importante característica dos habitantes da Terra, enfeixadas no Amor Universal. Oremos ao Nosso Pai para que nos dê a coragem necessária para emprendermos a autorreforma moral e a vivenciarmos como Jesus aconselhou:

“Colocai o lume sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”



1.3.15 – A FORÇA

A força física foi necessária para a construção das primeiras civilizações, quando o trabalho braçal era praticamente o único meio de melhorar as condições primitivas de sobrevivência. Assim, edificaram-se cidades, monumentos e outras construções, quase todas posteriormente destruídas pela violência dos próprios seres humanos, que viviam muito mais da pilhagem e da escravização dos seus irmãos e irmãs do que do trabalho construtivo e idealista em benefício das coletividades. Todavia, sobretudo com a propagação da Mensagem de Amor Universal, trazida pelo Divino Governador da Terra, que é Jesus, aos poucos passamos a respeitar o trabalho alheio, a construir ao invés de destruir e a pensar em prol da coletividade em vez de cada um só enxergar seus próprios interesses materiais. A inteligência desenvolveu-se, ocasionando o aprimoramento das instituições e das regras de relacionamento interpessoal. Da força física, que predominava, passou-se a valorizar a força da inteligência e aos poucos a força ético-moral. Na fase de mundo de provas e expiações a inteligência ainda prevalece sobre a moralidade, mostrando-se muitas vezes descompromissada com ela, mas,

passando a Terra à categoria de mundo de regeneração, teremos a força moral como referencial da vida da humanidade. Antecipemo-nos nessa conquista, pois o caminho é individual, como informa Joanna de Ângelis, quando diz que, na verdade, cada um está sozinho com sua própria consciência. Apesar de necessitarmos da força física para os trabalhos do corpo, do qual devemos cuidar, e da inteligência, que representa uma das asas do Espírito, a força moral é que nos define o grau evolutivo, realmente.



1.3.16 – A CARIDADE

Quando Allan Kardec afirmou: “Fora da caridade não há salvação.” estava apresentando aos espíritas um modelo de conduta para não deixar dúvida alguma. Aliás, os espíritas em geral são identificados normalmente pela prática da caridade. Muito já se estudou sobre essa virtude, que, como se sabe, pode ser praticada pelo pensamento, pelo sentimento e pelas ações. Todavia, queremos apresentar aos queridos Leitores uma reflexão que pode nos ajudar na nossa vida: nunca devemos nos julgar superiores àqueles a quem prestamos algum auxílio, porque, muitas vezes, os verdadeiros necessitados somos nós e não eles. Lembremo-nos do exemplo do cego curado por Jesus, que tinha nascido naquela condição com o propósito de testemunhar em favor da Causa de Jesus e não porque devesse algo à Justiça Divina. Outro exemplo: conta-se que Francisco Cândido Xavier foi muitas vezes abraçado longamente por um homem andrajoso e de aparência sofrida, chamado Jorge, de quem a maioria das pessoas se afastava, principalmente pela sua falta de higiene corporal, sendo que ele, como afirmou Chico, ao desencarnar, foi recebido por Jesus, que veio buscá-lo. A respeito desse último caso. sem entrar no mérito da questão, fica a indagação: - Quem necessitava mais daqueles abraços cheios de profundo afeto: o médium, que precisaria de reposição fluídica que somente os corações cheios de Amor poderiam lhe proporcionar, ou o homem maltratado, que levava uma vida aparentemente sem utilidade? Não devemos analisar as pessoas pela aparência, classificando-as segundo os poucos dados de que dispomos sobre elas, pois, na verdade, quase nada sabemos até sobre nós mesmos. Há quem renasça na condição de deficiente intelectual, mental ou físico

simplesmente para despertar a faculdade de Amar naqueles que vivem encastelados no egoísmo, no orgulho ou na vaidade... “Há muito mais mistérios entre o céu e Terra do que imagina nossa vã Filosofia”, materialista e nossa pobreza intelecto-moral... Por essas e outras razões, devemos aprender a nos considerar iguais a todos os irmãos e irmãs em humanidade, auxiliando-os como pudermos, sem achar que somos especiais por causa do muito ou do pouco que lhes fizermos de bom, pois pode acontecer de o mendigo, o doente ou o sofredor que nos estendem a mão estarem milhares de anos à nossa frente na estrada evolutiva! Francisco Cândido Xavier, certa feita, teria afirmado que é verdade que muitos membros da antigas nobreza estão reencarnados, podendo ser identificados, enquanto que muitas ex-lavadeiras habitam atualmente os planos espirituais superiores!



1.3.17 – A INDULGÊNCIA

Jesus foi indulgente com a mulher adúltera que os fariseus queriam apedrejar; igualmente com Judas, que o traiu; com Simão Pedro, que o negou três vezes; com Saulo, que tentou destruir Sua Obra, antes de se converter; com Zaqueu, que vivia da usura; mas, sobretudo, com todos que o condenaram, apodaram, maltrataram e crucificaram, não esboçando a mínima atitude de defesa ou reação por uma única razão: Amava a todos indistintamente como Seus pupilos, a quem competia ensinar pela indulgência e não corrigir com as armas da severidade e da dureza. Ninguém realmente o ofendeu, mas agrediu a própria consciência, por ignorância, porque Ele não levava em conta as palavras e atitudes dos Seus Amados, que somos todos nós, mas sim nossas carências intelecto-morais, que Ele vem suprindo desde que nos tomou nos Braços Misericordiosos. Ser indulgente não é ser conivente com os equívocos dos tutelados, mas relevar-lhes a ignorância, ensinando-os com paciência, através da repetição das lições, até que, um dia, despertem, como Públio Lentulo, que se tornou um dos Seus mais dedicados discípulos. A indulgência é filha diletta do Amor, que nunca se melindra nem se cansa de Amar aqueles que ainda não têm

alcance intelecto-moral para compreenderem as virtudes. Gandhi foi indulgente com os ingleses, que escravizaram seu país por dois séculos; Francisco Cândido Xavier era indulgente com aqueles que o criticavam por sua humildade; Divaldo Pereira Franco foi indulgente com o filho que sofria de forte propensão para a prática do homicídio, pedindo-lhe que matasse a ele e nunca a outra pessoa. Quem passa a entender o Amor Universal se torna indulgente e nunca se julga ofendido.



1.3.18 – A BENEVOLÊNCIA

A benevolência foi exemplificada por Jesus em grau máximo, quando atendia a todos que O procuravam, inclusive o senador Públio Lentulo, imaturo para compreender-Lhe as Orientações naquele momento. Todavia, enxergando o futuro e o passado, Jesus semeava Lições, que muitos somente iriam apreender daí a anos, séculos ou milênios. Ninguém era desprezado por Ele, que proporcionava o melhor de Si mesmo para incentivar o desenvolvimento da mínima chama que crepitasse no fundo da consciência de cada um. Benevolência é semear em qualquer tipo de terreno, sem aguardar os resultados, que pertencem a Deus. Fazer o bem indistintamente é o que nos compete, como aprendizes na Vinha do Senhor, que nos contrata para servir, em troca do salário representado pelo Seu Amor Paternal. Não temos a visão do passado nem do futuro, vivendo circunscritos aos minutos e horas que se sucedem, como oportunidades de crescimento intelecto-moral e a benevolência é das melhores formas de contribuir para a Obra Divina, transformando desertos morais e intelectuais em campos verdejantes, de onde brotarão flores multicoloridas e frutos saborosos e saudáveis. Quem é benevolente se assemelha a uma árvore frondosa, sob cuja sombra descansam os caminhantes da vida, e de cujos galhos pendem saborosas frutas, que saciam a fome dos famintos. Pelo contrário, aqueles que ainda não conquistaram essa virtude parecem arbustos ressequidos, enfezados e raquíticos, cheios de espinhos e perigosos para quem se aproxima, pois, além de inúteis, podem ferir as mãos desavisadas que os buscam confiantes. Feliz de quem se transforma em refúgio para seus irmãos e irmãs, pois passa a exalar o perfume da felicidade, atraindo os sofredores de

várias ordens, que nele encontram o abraço carinhoso. Assim viveu Bezerra de Menezes, que ficou conhecido como o “médico dos pobres” e assim era Mohandas Gandhi, de quem, como ele mesmo dizia, muitos estropiados da mente se aproximavam, atraídos por seu magnetismo, representado pela benevolência permanente.



1.3.19 – A HUMILDADE

Jesus, quando disse: “Ninguém vai ao Pai a não ser por Mim.” não estava se arrogando um prestígio inútil, mas sim esclarecendo-nos sobre quem Ele realmente era e é, ou seja, o Sublime Governador da Terra, a quem compete nos encaminhar para a evolução intelecto-moral. Ser humilde não significa rebaixar-se, mas sim trabalhar pelo bem comum sem outra intenção que a de servir. Não se trata de mostrar-se grande ou pequeno, mas simplesmente cumprir sua tarefa, sem estabelecer comparações inúteis entre evoluídos e primitivos, pois que todos podem desempenhar sua tarefa em benefício do conjunto. Jesus recusou o qualificativo de “Bom”, dizendo que apenas o Pai merecia esse título, mas identificou-se como mestre (professor), pois que, como tal, competia-Lhe ensinar a Verdade, portanto, representando o Caminho, a Verdade e a Vida, que conduzem os habitantes da Terra a Deus, os quais não chegarão ao Pai a não ser por Ele, único Médium de Deus para o nosso mundo. A humildade caracterizava o Divino Pastor das almas terrenas. E, nessa condição, tinha de “colocar a candeia sobre o candeeiro, a fim de dar luz a todos os que estivessem na casa”. Os missionários do Bem são humildes, mas não omissos, temerosos, subservientes, timoratos, covardes ou tímidos, porque o Amor lhes dá a autoridade necessária para falar e realizar em benefício de todos. Não agem por interesse próprio, mas impulsionados pelo desejo de servir a todos. São grandes porque servem bem a todos e não se servem de ninguém. Madre Teresa de Calcutá serviu a vida inteira a cada um em particular, sem nunca ter procurado qualquer benefício pessoal, vivendo com humildade, mas sendo firme nos momentos em que a declaração da Verdade se fazia

necessária. É preciso entender a humildade como a virtude que nos faz desapegados dos interesses pessoais, mas corajosos na propagação do Bem e na defesa do progresso intelecto-moral dos outros!



1.3.20 – A RESIGNAÇÃO

Os Espíritos Superiores nunca pleiteiam aquilo que contraria as Leis Divinas: isso representa a resignação. Forçar o impossível, precipitar-se na busca do irracional, pretender o injusto, colher frutos ainda verdes: tudo isso se traduz em rebeldia e irresignação. Sabendo que Deus é Justo e Sábio, os Espíritos Superiores aguardam pacientemente que tudo venha no momento próprio. De nada adianta tirar da terra a plantícula para apreciar-lhe a raiz, sendo que se deve aguardar que o tempo a fortaleça e transforme em arbusto e, posteriormente, em árvore frondosa. Resignar-se é aguardar a Justiça Divina, sem pretender que ela decida a nosso favor, pois pode acontecer de sermos os réus, que merecem a condenação, e não as vítimas, que devam ser protegidas. Somente Deus sabe quem é culpado e quem é inocente, porque enxerga o passado e não apenas o presente, enquanto que nós somente conhecemos alguns poucos anos da nossa vida e da existência alheia. As pessoas resignadas não sofrem com as adversidades, que interpretam como eventos naturais; não tentam mudar as circunstâncias que independem da sua vontade e não atribuem aos outros a culpa pelo que de mal lhes tenha acontecido. Tudo tem uma razão construtiva para acontecer e o Pai, que somente permite o Bem, mesmo que seja interpretado como o Mal, vela por todos e Suas Leis conduzem tudo e todos para o Progresso. Sofrer é ignorar a utilidade das lições propiciadas pela Sabedoria e Bondade de Deus, como o aluno desidioso reclama dos deveres de casa e das lições da sala de aula. Jesus resignou-se com a morte na cruz, pois sabia da utilidade desse sacrifício para marcar a fogo Sua passagem pela Terra e Suas Lições. Sócrates resignou-se com sua condenação a beber cicuta, porque seus

Orientadores Espirituais lhe esclareceram a necessidade daquele sacrifício. Gandhi morreu assinado, resignado com os Designíos Divinos, em benefício da missão que trouxe ao mundo terreno. Aprendamos a virtude da resignação, que representa Amor a Deus!



1.3.21 – A ACEITAÇÃO

A aceitação diz respeito à realidade imposta por Deus, que sabemos ser a melhor para o nosso aprendizado, a nossa evolução intelecto-moral. Todas as circunstâncias da nossa vida são favoráveis a esse objetivo, pois, em caso contrário, o Pai, que Ama infinitamente Suas criaturas, não permitiria que ocorressem. Tudo que nos cerca a existência funciona como incentivo ao nosso progresso intelecto-moral, apesar de, na nossa visão ainda toldada pelo primitivismo decorrente dos defeitos morais e do pouco desenvolvimento da inteligência somente precariamente iluminada pelo Amor, enxergarmos quase tudo como obstáculos e sofrimentos, os quais costumam nos desanimar ou revoltar. As pedras, quando juntadas e colocadas na posição certa, transformam-se em base da construção; os abismos são alertas para nos desviarmos e procurarmos os caminhos da planície; as mudanças climáticas, decorrentes da variação das estações do ano, nos ensinam que os ciclos da vida se repetem e que devemos aguardar a época certa para agir de tal ou qual forma; as facilidades nos mostram que devemos aproveitá-las enquanto estão presentes; os amigos significam apoio e troca afetiva e os adversários representam um reforço à voz da nossa consciência, mostrando o que temos de aperfeiçoar em nós mesmos. Pretender encontrar na vida apenas benesses é comparável a querer parar a sequência das estações ou a rotação da Terra, esta que alterna os dias e as noites. A aceitação significa fé em Deus e sabedoria no trato conosco mesmos e com os outros. Trata-se de uma das mais importantes virtudes, visível nas pessoas que atingiram um elevado grau de serenidade. Atualmente, com o estilo de vida direcionado para a competição, o consumismo e o estresse

individual e coletivo, muita gente passa o tempo, representado pelas horas de cada dia, sem nenhuma aceitação, querendo alterar a ordem natural das coisas, simplesmente por inconformação, rebeldia ou ignorância. O autodomínio, a paciência e a fé em Deus nos induzem à aceitação de tudo que não depende da nossa vontade e também daquilo que nossa consciência apresenta como útil para nosso progresso intelecto-moral. Querer tudo mudar, obedecendo aos impulsos, ao modismo e à arrogância somente tumultuam a vida individual e das coletividades. Devemos procurar entender as Leis Divinas para sabermos o que devemos aceitar e o que nos compete mudar!



1.3.22 – O PERDÃO

Os Espíritos Superiores deixaram por último o perdão, com suas ramificações: abnegação e fraternidade. Não terá sido por acaso, mas talvez porque representa a culminância da evolução ético-moral. Recebendo o Mal, ao invés de devolvermos na mesma moeda, façamos o Bem, através do pensamento, do sentimento e das atitudes. Assim deve acontecer por duas razões: primeiro, porque o Mal só nos atingirá se Deus assim o permitir para o nosso progresso intelecto-moral e, segundo, porque o Mal, na verdade, é o Bem representando nossa impulsão para a Frente e para Cima. Querer mal aos nossos adversários é desejar que o professor não nos ensine as lições ou que não nos indique os deveres de casa, ambos que são indispensáveis ao nosso aprendizado. Perdoar não é apenas sinal de espírito caritativo, mas também de compreensão de que a evolução se processa com a presença, na proporção certa, das facilidades e dificuldades. Se os amigos nos trazem as facilidades, os adversários nos colocam no caminho as dificuldades, mas ambas são indispensáveis. Jesus nunca se inquietou com as dificuldades, mas aproveitou-as para ensinar-nos a lidar tranquila e inteligentemente com elas. Se não fossem Sua morte na cruz e os episódios dantescos dos circos romanos, o Cristianismo não se teria propagado tão rapidamente no mundo, atingindo sua finalidade na mudança dos paradigmas. “Perdoar não sete, mas setenta vezes sete” significa aceitar as dificuldades, porque elas existirão sempre, mudando apenas de umas para outras. A evolução intelecto-moral nos faz entender que não temos adversários externos, pois os únicos inimigos reais são nossos próprios defeitos morais, decorrentes da incompletude intelecto-moral que nos

caracteriza. Por isso, perdoar aqueles que aparentemente nos prejudicam passa a ser cada vez mais natural e espontâneo. Jesus, mesmo na cruz, nas vascas da agonia, não se esqueceu de pedir ao Anjo da Caridade que fosse socorrer Judas, o qual tinha acabado de suicidar, e, retornando do mundo espiritual, procurou todos aqueles que O tinham traído e abandonado, para ensinar-lhes que a morte mata o corpo, mas que o Espírito é imortal, indiretamente abençoando-os com o perdão!



1.3.23 – A ABNEGAÇÃO

Para entendermos a abnegação devemos conjugar o Auto Amor com o Alo Amor e o Amor a Deus. Um não deve excluir os outros, pois são diferentes, mas todos igualmente importantes, assim como detêm o mesmo valor o Amor aos filhos, aos irmãos carnis, ao cônjuge e aos pais. Abnegação não significa deixar de Auto Amarmo-nos, investindo no nosso progresso intelecto-moral, mas sim realizarmos esse investimento justamente deixando de lado os defeitos morais, que nos induzem a não enxergar senão os interesses mundanos. Quando levamos em conta os deveres que temos para com o progresso intelecto-moral das outras criaturas de Deus na mesma intensidade com que procuramos Amar a Deus e a nós mesmos, estamos praticando a virtude da abnegação. Joanna de Ângelis, que viveu muitas encarnações voltadas para a renúncia a si mesma, inclusive na figura de Clara de Assis, quando praticava a autoflagelação, atualmente é uma das mais importantes missionárias do Cristo a ensinar a necessidade do Auto Amor, pois não se consegue Amar a outrem sem Amar a si próprio, no sentido mais elevado da palavra, ou seja, investindo no próprio aperfeiçoamento intelecto-moral. A abnegação como a entendiam os anacoretas e os religiosos fanatizados da Idade Média representa verdadeira irracionalidade, incompatível com as Leis Divinas, esclarecidas através da Terceira Revelação. Abnegação é doar de si mesmo em favor dos outros sem segundas intenções; é fazer o bem indistintamente; é não julgar pelo simples prazer de alegrar-se com as desgraças alheias; é transferir às mãos alheias tudo que não nos é indispensável; é não competir naquilo que não é

essencial para nossa sobrevivência e nosso desenvolvimento intelecto-moral; em suma, é considerar todos tão importantes quanto nós próprios, uma vez que, para Deus, os seres que se iniciam na trajetória evolutiva são tão queridos quanto os Espíritos Puros. A abnegação deve ser praticada com utilidade para nós e para nossos irmãos e irmãs.



1.3.24 – A FRATERNIDADE

Quanto a este tópico vamos fugir do estilo deste estudo para fornecer aos queridos Leitores os comentários de um jurista francês e, após, expor as nossas reflexões: *“Esse terceiro termo da divisa republicana, (artigo C. 2, al. 4) é devida aos republicanos de 1848. Todavia, enquanto que liberdade e a igualdade são direitos que não comportam obrigação como encargo de cada um a não ser de respeitar os direitos de outrem, a fraternidade deve ser sobretudo considerada como um dever, mas um dever moral, insuscetível de se traduzir por obrigações jurídicas, salvo se se instituir a tirania. Na Constituição, a noção que se aproxima mais da fraternidade é aquela da solidariedade (Pr. 46, al. 10 a 13). Para retomar uma expressão de R. Capitant, “a fraternidade não é um princípio da democracia; ela é uma aplicação sua”. (Dictionnaire de droit constitutionnel, Michel de Villiers, Paris: Masson & Armand Colin Éditeurs, 1998:98). Com a virtude da fraternidade, os Espíritos Superiores, dirigidos pelo Espírito de Verdade, encerram o rol das 23 virtudes, ramificações do Amor. Não há como deixar de reconhecermos a superioridade notável desses mestres, que, do mundo espiritual, orientam os surtos evolutivos do mundo terreno, sob o Comando Amoroso e Sábio de Jesus, a quem nos compete agradecer do fundo da nossa alma por mais essas maravilhosas informações acerca da Verdade, que, como Ele afirmou, liberta. E é assim que, de joelhos postos na terra, agradecemos ao Divino Mestre e Seus emissários, propondo-nos continuar na nossa autorreforma moral e divulgá-la aos nossos irmãos e irmãs em humanidade,*

“colocando a candeia sobre o candeeiro, a fim de que dê luz a todos os que estão na casa.”, pois não há nenhuma manifestação maior de fraternidade do que contribuir para o progresso intelecto-moral dos nossos irmãos e irmãs em humanidade.



1.4 – A VOCAÇÃO PROFISSIONAL

Há duas opções quanto à escolha da forma de ganhar o pão de cada dia, sendo a primeira o trabalho e a segunda as outras maneiras de viver sem trabalhar. Quanto a este tópico lembramos a nós mesmos a referência que Jesus nos proporcionou quando disse: “Eu trabalho e Meu Pai também trabalha”, devendo ser encarado como trabalho toda ocupação útil.

A respeito, transcrevemos aqui duas lições constantes do livro “Luz em Gotas”, psicografado por Gilberto Pontes de Andrade, a primeira de autoria de um Espírito que utilizou o pseudônimo de Um Amigo, intitulada O Trabalho, e a segunda, com idêntico título, da lavra de Lavoisier:

“O trabalho é um dos principais educadores do caráter do ser humano, porque produz a disciplina, obediência, consciência, atenção, aplicação e a perseverança, dando ao homem habilidade na sua profissão.

A aptidão natural e a inteligência são necessárias para que o homem dirija os negócios da sua vida comum.

O trabalho é lei natural da Vida, o princípio que impele o homem individualmente e, em termos coletivos, as nações.

A maior parte dos homens acha-se obrigada pelo trabalho manual. Mas, ao trabalhar com o cérebro ou com os braços, todos devem dar sua cota de serviço à construção comum do edifício social.

O trabalho pode ser considerado como fardo ou castigo. Mas, para o trabalhador, pode ser interpretado como uma honra e glória. Sem ele, nada se pode realizar de construtivo. E tudo que é grande no homem provém do trabalho. A civilização que desfrutamos é o seu resultado em milênios de acumulação operativa.

Se o trabalho fosse abolido, a humanidade receberia um golpe mortal.

A ociosidade rói o coração e o consome, assim como a ferrugem desgasta o ferro. A indolência degrada, nunca dá bom resultado, é sempre inútil, melancólica e miserável.

A preguiça é veneno do corpo e da alma.

O homem ocioso é inútil, e qualquer que seja a extensão cronológica da sua vida, ele simplesmente vegeta.

A vida de um homem é medida pelo seu trabalho útil.

Os primeiros mestres do Cristianismo também ensinaram, exemplificando, o valor do trabalho. Dizia Paulo, o Apóstolo: “Aquele que não quiser trabalhar, também não comerá”. E ele mesmo glorificou-se de ter sobrevivido pelo seu próprio trabalho, sem ter sido peso a ninguém. São Bonifácio, ao desembarcar na Bretanha, trazia consigo um volume do Evangelho e sua régua de carpinteiro. E Lutero, no meio de suas múltiplas ocupações, ganhava a vida cultivando jardins, edificando e consertando relógios. Ele dizia: “Enquanto houver nesta cidade um homem que não trabalhe ou uma mulher preguiçosa, haverá gente sofrendo frio e fome”.

O hábito de uma ocupação útil é – tanto para o homem quanto para a mulher – uma condição essencial de Felicidade e bem-estar.

Só é trabalho a ocupação que seja útil, e o bom emprego do tempo é um dos maiores segredos da Felicidade.”

“Não deveis deixar que a vossa existência transcorra através de uma luta acirrada – e, por vezes, feroz – no terreno simplesmente utilitarista. Não convém que sejais exclusivamente “formigas”. Deveis ter, porém, alguma coisa das “cigarras”.

Dessa forma, aprendereis a viver de acordo com a Natureza e, portanto, de acordo com as Leis Divinas. A formiga ensina a perseverança, a ordem e o método, enfrentando e vencendo as escabrosidades do carreiro; e a cigarra mostra a vós o processo de amenizar as asperezas, das provações e vicissitudes inerentes à vossa condição atual.

O trabalho não é castigo; é benção. Ele deve, por isso mesmo, ser executado com prazer. E o meio de conseguirdes trabalhar prazerosamente é eliminar, o quanto possível, o cunho egoístico de que ele se reveste no mundo onde viveis.

O objetivo do trabalho não está, como se imagina, unicamente no lucro econômico que proporciona. Além desse aspecto mercantilista, há um outro que não pode passar despercebido por todos os que visam à própria Paz de consciência: refiro-me à sua finalidade essencial, ao seu motivo elevado, que é promover, acoroçoar a evolução, despertando os poderes do Espírito.

Tal é, em realidade, a razão superior do trabalho.

Portanto, quem trabalha sempre se enriquece.

O Espírito de Verdade – em belíssima passagem de “A Grande Síntese” – assim se manifesta acerca do magno assunto: “A vossa mentalidade utilitária tem feito do trabalho um condenação, um tormento insaciável de posse”.

A “lei do mais forte”, que vigora no mundo econômico, fez do trabalho uma forma de luta e uma tentativa de furto ou extorsão.

O trabalho pode ser considerado como uma dor. Mas, ela é justa e está no seu posto certo como uma alavanca da

Evolução; exprime nas suas formas atuais, aí no mundo, exatamente o que mereceis e o que sois evolutivamente falando.

Todos os males de que padeceis individual e coletivamente são devidos à vossa impotência para fazer o melhor, e à vossa imperfeição social.

Mais do que uma necessidade econômica, o trabalho é uma necessidade moral. E o conceito de “trabalho econômico” deve ser substituído pelo de “trabalho função-social”. Direi mais, “trabalho função biológico-construtora”.

O trabalho tem a função de criar novos membros exteriores (como, por exemplo, a máquina), expressões do psiquismo e a função de fixação – pela repetição constante dos indivíduos dentro do esquema social.

Procurai entender o trabalho como instrumento de construção eterna, cujo fruto é também individual sob a forma de aptidões adquiridas para sempre – e não como acumulação de vantagens materiais, imediatas e transitórias.

Na figura infecunda – e, por isso mesmo, castigada – prefigurou o Cristo a ociosidade e o parasitismo, quer considerados individualmente, quer relacionados a classes sociais inteiras, que consomem sem produzir.

Sabe-se que “a cada um é dado segundo as próprias obras”. Assim, o trabalho deve ser exercitado como verdadeira bênção e graça divinas.”

Cada um verificar qual sua vocação é o segundo passo, pois somente exercendo nossa verdadeira vocação, trabalhamos felizes, com rendimento máximo para nós próprios e para os outros. Infelizmente, há quem priorize o dinheiro, as facilidades e o prestígio que determinadas atividades laborais proporcionam em detrimento de outra, que seja a sua verdadeira vocação e, assim, tornam-se infelizes no trabalho. Em uma sociedade utilitarista como a

nossa, infelizmente, a maioria das pessoas age dessa forma equivocada, sofrendo as consequências que daí advém. Nós, porém, autorreformados moralmente, façamos diferente, mesmo que nossa profissão não seja bem remunerada, destacada socialmente ou que exija esforço pesado no seu desempenho, pois, somente assim seremos coerentes com nossa proposta de vida de Espíritos a caminho da evolução intelecto-moral com Jesus.



1.5 – CASAMENTO OU CELIBATO

Há quem se case simplesmente por medo da solidão; há outros que casam apenas para garantirem a satisfação da libido; há quem escolha o casamento como forma de viver ociosamente à custa alheia; há quem se case para ter filhos e assim por diante. Todavia, podemos contradizer, com vantagens, essas opções equivocadas, a primeira com este argumento, de Joanna de Ângelis: “Somente é solitário quem não é solidário”; o segundo com a vantagem de não fazer sua felicidade depender de outrem, principalmente com base na pura e simples sexualidade; o terceiro na necessidade visceral de cada um prover seu próprio sustento com o trabalho útil; o quarto com a possibilidade de se ter filhos sem casamento, por exemplo, através da adoção.

Em épocas passadas, o casamento era quase que obrigatório, em virtude das tradições multimilenárias, para as mulheres como forma de sobrevivência, e, para os homens, para manterem o *status* de pessoas respeitáveis no meio social. Hoje em dia as pessoas estão absolutamente livres para optar entre o casamento e o celibato, porque os tabus quebraram-se e cada um escolhe a forma de viver que mais se coaduna com seu perfil psicológico.

Escolhamos uma opção ou outra não irrefletidamente, mas sim depois de muito analisar os porquês e as consequências da opção feita, inclusive quanto à pessoa do parceiro ou parceira, pois nossa intimidade não deve ficar exposta ao primeiro ou primeira que apareçam no nosso caminho.

Jesus escolheu o celibato, assim mesmo Paulo de Tarso, Chico Xavier; Simão Pedro, Bezerra de Menezes e outros escolheram o casamento. As duas opções são boas, contanto

que obedecam a determinadas condições, que cada um deve saber ponderar, pesar e medir.



1.6 – OBJETIVOS MATERIAIS OU ESPIRITUAIS

“O que você pretende?” é a grande pergunta deste estudo, que deve ser respondida com absoluta sinceridade perante a nossa própria consciência. Depois de muito nos autoanalisarmos, chegaremos à conclusão de que nossa meta é material ou espiritual. Se for a primeira, estaremos nos dedicando talvez apenas formalmente à nossa evolução espiritual, mas, se for a segunda, nosso investimento na nossa espiritualização será sincero e profundo.

Não há meio termo entre os dois caminhos: ou vamos para a esquerda ou para a direita. O fato, todavia, de termos nosso trabalho profissional, nossa família e a convivência social normal não nos impedem de priorizarmos nossa evolução intelecto-moral, tanto quanto o fato de não trabalharmos, de não termos família ou não lhe dedicarmos atenção e carinho e não convivermos com ninguém ou convivermos mal com as pessoas não implica em que estejamos evoluindo intelecto-moralmente.

As nossas intenções é que são o fator determinante para termos luz interior ou não, pois essa luz é o resultado dos nossos propósitos mais secretos, caso ela exista, ou a treva interior, caso estejamos imbuídos de propósitos malsãos.

“O que você pretende”: Deus ou Mamom ou Deus ou César? A escolha é nossa, individual, intransferível, verdadeira.

Escolhamos bem, no Bem, com as pessoas boas, com as pessoas realmente felizes, com os nossos Orientadores Espirituais, recebendo suas bênçãos na caminhada, que, naturalmente, terá tropeços, mas muito menores que a borrasca dos sofrimentos decorrentes da vida voltada para os interesses mundanos.



2 – O INVESTIMENTO NO SEU PROJETO DE VIDA

Talvez a conquista mais difícil para o Espírito encarnado seja a aquisição da certeza inabalável da realidade espiritual, onde se localiza nossa pátria definitiva. Uma vez conquistado esse estado de conhecimento e mantido com os Orientadores Espirituais um contato permanente e estável, a vida do Espírito encarnado se transforma em um verdadeiro mar de felicidade, tal como aconteceu com Chico Xavier, Yvonne do Amaral Pereira e acontece com Divaldo Pereira Franco, pois felicidade não é não haver problemas na nossa vida, mas sim conseguirmos conviver pacificamente com eles, como o aluno que gosta das aulas, gosta do colégio, das matérias escolares, dos professores e dos colegas, mesmo tendo de não faltar às aulas, às provas e fazer os deveres de casa.

Yvonne Pereira afirmava que uma das realizações mais importantes na vida dos encarnados é sintonizar com seus Guias Espirituais. Divaldo Franco disse, certa vez, que estava aprendendo a sintonizar mentalmente com o Espírito Sundar Singh, que é Paulo de Tarso.

Tanto nos momentos de dificuldades quanto na rotina do dia a dia, a sintonia com os Amigos Espirituais significa a maior felicidade que alguém pode pretender, porque são

amizades puras, que superam em qualidade qualquer outro tipo de convivência comum, porque nada têm de segundas intenções: são aqueles que fazem tudo pela nossa evolução intelecto-moral, ou seja, nossa felicidade verdadeira.

Podemos ter algum desses amigos encarnados, convivendo conosco, e, nesses casos, nossa integração realiza-nos plenamente, sejam esses amigos do mesmo sexo nosso ou o oposto, pois a troca energética é que conta e faz a diferença.

Chico Xavier dizia que “a amizade entre amigos do mesmo sexo é homossexualismo”, no sentido mais elevado da expressão, sem significar promiscuidade sexual, que é coisa totalmente diferente, tanto quanto amizade profunda entre pessoas de sexos diferentes é Amor, sem se traduzir igualmente em promiscuidade sexual. Emmanuel afirmava que há Espíritos que amam um ao outro profundamente “sem nunca se terem tocado”, o que é uma realidade.

Precisamos superar os preconceitos e a mesquinhez que se enraizaram na nossa mente no decurso dos milênios passados, reconhecendo, como diz Divaldo Franco, “tudo é sexo”, todavia, não necessariamente a vulgaridade das manifestações primárias do contato físico à moda dos nossos irmãos e irmãs dos Reinos inferiores da Natureza, ou seja, nós mesmos quando passamos por esses Reinos.

Quando nosso projeto de vida é a felicidade, baseada na autorreforma moral, tanto faz sermos celibatários, como Léon Denis, Jan Hus, Madre Teresa de Calcutá, quanto casados, como Allan Kardec e outros tantos, estaremos ligados pelo Amor Universal, inclusive e principalmente aos nossos Orientadores Espirituais, que nos amam profundamente, pois sua superioridade os leva ao sentimento intenso e puro, que caracteriza o autêntico Amor Universal. Realizando nosso

projeto de vida, estaremos sempre em contato com eles, de forma a percebermos claramente essa ligação mental, se somos médiuns, ou de forma difusa, se não temos a mediunidade explícita.



2.1 – A PROCURA DE ALIADOS

A procura de quem se nos partilhe os ideais é natural, servindo de exemplo as grandes amizades que se manifestaram na vida de um Jan Hus, de Allan Kardec, de Chico Xavier e Divaldo Franco. Quanto a Chico vale a pena lembrar os famosos “amigos do arco-íris”, que encarnaram para estar próximos dele, acompanhando-o e apoiando-o na sua vida missionária.

Devemos sempre procurar aliados do nosso projeto de vida de autorreforma moral, todavia, mesmo que não encontremos nenhum encarnado, liguemos sempre o pensamento aos Amigos Espirituais, pois não faz diferença se nossos olhos de carne veem ou não nossos verdadeiros afins pelo coração ou se nossos braços físicos os podem estreitá-los em longos abraços, pois o pensamento é nossa mais importante força, para o qual não há distâncias intransponíveis, nem diferença de dimensões que impeçam o dar-e-receber das trocas afetivas.

Compulsando, por exemplo, a biografia de um Jan Hus, vemos como ele era feliz, idolatrado praticamente pelos seus patrícios, que nele confiavam plenamente e que, até hoje, o têm na conta de um verdadeiro pai espiritual, sem contar as

amizades profundíssimas que manteve com Jerônimo de Praga e outros contemporâneos cujo nome a pobre História terrena não registrou, mas que são considerados heróis do idealismo nos Registros do mundo espiritual, que são os realmente fiéis à Verdade.

Procuremos aliados dos nossos elevados ideais e os acharemos no mundo terreno, enquanto que continuaremos a tê-los nos Amigos Espirituais, que nos apoiam e orientam.



2.2 – A PERSISTÊNCIA NOS SEUS PROJETOS

Nunca desistir de continuar na autorreforma é o mais importante trabalho que podemos realizar no mundo terreno. Chico Xavier nunca se envergonhou de reconhecer seus equívocos, que declarava a quem quisesse ouvir. Gandhi, na sua autobiografia, afirmou suas falhas. O importante é levantar-se depois da queda e continuar caminhando, seguindo a espiral evolutiva, que é um aclave suave, mas contínuo, sem nenhuma descida, mas que nos aproxima cada vez mais do topo da montanha, que é a perfeição relativa, sendo que a visão do horizonte vai-se mostrando cada vez mais ampla e clara, como nos altos píncaros do Himalaia.

Como disse Jan Hus, a morte não importa, mas a continuidade nos ideais, pois, na verdade, a morte é somente a passagem para a nossa verdadeira pátria, assim também afirmando Francisco de Assis.

A autorreforma é sinônimo de perfeição relativa e compensa todos os sacrifícios, pois estaremos sempre acompanhados dos Espíritos mais Perfeitos, mesmo que não os vejamos explicitamente, sendo que o próprio Divino Mestre estará nos apoiando, através dos Seus prepostos, mas, acima de todos, estará o próprio Pai Celestial, que se comunica conosco através da nossa consciência, iluminando-a com a paz indefinível, que se chama Felicidade, que os ladrões não roubam, a traça não rói nem se deteriora com a ferrugem!



2.3 – A CERTEZA DA VITÓRIA

Quantos exemplos já tivemos na História da humanidade de vitoriosos sobre si próprios, ou seja, sobre o lado sombrio do seu passado espiritual! Depois de vermos Moisés, Sócrates, João Batista, Mãe Santíssima, João Evangelista, Maria de Magdala, Zaqueu, Paulo de Tarso, Joana D’Arc, Jan Hus, Jerônimo de Praga, Allan Kardec, Léon Denis, Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Mohandas Gandhi, Madre Teresa de Calcutá, Sundar Singh, Yukteswar, Paramahansa Yogananda, Chico Xavier e Divaldo Franco, sem contar inúmeros outros, ainda teremos dúvidas sobre que caminho tomar?

Isso sem contar o próprio Jesus, Divino Governador da Terra, Modelo Perfeito de todas as virtudes, que vivenciou a realidade terrena para demonstrar a possibilidade de sua concretização mesmo em meio às agruras da materialidade, ensinando, pelas palavras e pelo exemplo, que o que importa é o mundo interior, a realidade intelecto-moral do próprio Espírito e não as circunstâncias externas.

A vitória é representada no desenho da capa como a concessão, por Jesus, autorizado por Deus, a cada Espírito vitorioso, das estrelas de cinco pontas, que passam a brilhar na frente dos mártires da própria auto superação. O desenho mostra a sequência do Espírito, da escuridão interior até a claridade máxima, quando recebe o prêmio já referido, tudo

isso acontecendo sob o Olhar Amoroso e Sábio do Pai Celestial, que, independente da Luz que Jesus endereça a cada um, nessa trajetória, emite Sua Luz Fecundante em direção a cada filho e filha, lhe incentivando o ânimo para que siga adiante!

